HISTÓRIA, MÚSICA E IDENTIDADE PARAIBANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio[1]

RESUMO
O objetivo desta comunicação é relatar a experiência do projeto: "A Paraíba em Canções: História, Música e Identidade Paraibana", desenvolvido com uma turma de treze alunos durante o ano letivo 2014.1, enquanto professor da disciplina de História da Paraíba II, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O projeto surgiu da necessidade de compreendermos as diversas representações musicais sobre a Paraíba e os paraibanos a partir da análise de cinco canções compostas e gravadas entre os anos 1950 e a primeira década do século XXI. Foram escolhidas as canções: "Meu Sublime Torrão", de Genival Macedo; "Paraíba", de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; "Paraí-bá", de Cecéu; "Paraíba meu amor", de Chico César e "Paraíba Joia Rara", de Ton Oliveira. O projeto foi dividido em quatro momentos complementares: 1) Discussão do tema história e música: limites e possibilidades; 2) Apresentação de seminários; 3) Elaboração de artigos científicos; 4) organização e publicação de um livro-coletânea que levará o nome do projeto. Como conclusão compreendemos a diversidade de representações que as canções aqui citadas elaboraram sobre o estado da Paraíba e os paraibanos, bem como percebemos as múltiplas possibilidades constituídas na relação entre história, música e identidade local.

Palavras chave: Música; Paraíba; Identidade; Experiência.

1 INTRODUÇÃO

Um dos aspectos que vem chamando atenção dos historiadores nos últimos anos é a chamada formação da identidade regional ou local, em especial os mecanismos formativos. Muito já se escreveu sobre a construção da identidade nacional em diversas temporalidades e enfoques[2], porém raros são os estudos sobre a chamada formação da identidade dos estados brasileiros[3]. Partindo desta premissa e partir da leitura da ideia de *paraibanidade*, categoria elaborada pela historiadora Margarida Dias (1996), procuramos através da música entender sobre como determinadas canções construíram uma ideia da Paraíba e dos paraibanos.

Como forma de entendermos a relação história, música e identidade local, elaboramos o projeto "A Paraíba em Canções: História, Música e Identidade Paraibana", desenvolvido no ano letivo de 2014.1, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com uma turma de treze alunos na disciplina de História da Paraíba II. O projeto foi dividido em quatro momentos complementares: 1) Discussão do tema história e música: limites e possibilidades; 2) Apresentação de seminários; 3) Elaboração de artigos científicos; 4) organização e publicação de um livro-coletânea que levará o nome do projeto.

Quanto às canções escolhidas que foram trabalhadas, selecionamos composições produzidas nas últimas sete décadas. São elas: "Meu Sublime Torrão", de Genival Macedo;

---

[1] Professor de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Campina Grande e da Rede Pública Estadual da Paraíba.

[2] Podemos citar como exemplos de publicações recentes os livros: *a Formação das Almas*, de José Murilo de Carvalho; *Identidade Nacional e Modernidade Brasileira*, de Ricardo Luiz de Souza e *O Brasileiro: a formação da identidade Nacional e a questão racia*l, de Iara Andrade Senra.

[3] Fazendo um levantamento inicial você identifica poucos estudos sobre identidades regionais ou estaduais. Destaque para as teses de doutorado que viraram livros: *A Invenção do Nordeste e outras Artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Jr e *Mitologias da Mineridade*, de Maria Arminda do Nascimento Arruda.

“Paraíba”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; “Paraí-bá”, de Cecéu; “Paraíba meu amor”, de Chico César e “Paraíba Joia Rara”, de Ton Oliveira.

Com isso, o objetivo deste artigo é relatar a experiência de trabalho do projeto “A Paraíba em Canções: História, Música e Identidade Paraibana”, a partir de uma análise sobre os produtos elaborados pelos alunos até o momento. Divulgando os resultados deste nosso trabalho, nossa intenção é indicar caminhos e possibilidades de estudos futuros sobre a relação história, música e identidade regional.

2 HISTÓRIA E MÚSICA: “UMA PREPARAÇÃO DO TRABALHO”

Na primeira fase do projeto procuramos explicar de maneira clara quais seriam os nossos propósitos de trabalho. Fizemos como forma teórico-metodológica a opção de discutir o texto de José Geraldo Vinci de Moraes (2000): *História e Música: canção popular e conhecimento histórico*, que possibilitou a discussão de questões teóricos e metodológicas que vem surgindo das relações entre história, música e canção popular.

O pesquisador no artigo possibilitou uma discussão técnica sobre a ideia de som, música e depois de canção popular. Segundo Moraes “as canções poderiam constituir-se em um acervo importante para conhecer ou revelar zonas obscuras das histórias do cotidiano dos segmentos subalternos” (p.204). Mesmo assim, de acordo com o mesmo raras são as pesquisas sobre as relações entre história, música e produção do conhecimento. Os motivos gerais são: dispersão das fontes, desorganização dos arquivos, falta de especialistas e estudos específicos, escassez de apoio institucional, etc.

A bibliografia da história da música de modo geral apenas reforça uma postura limitada e restrita. O autor destaca que o universo popular geralmente é esquecido pela historiografia da música e quando se refere reforça certas perspectivas românticas, nacionalistas ou folclóricas. Moraes (2000) ainda faz uma crítica ao chamado paradigma tradicional, que normalmente é associado à concepção linear e ordenado, em que os artistas, gêneros, estilos e escolas sucedem-se mecanicamente, privilegiando a biografia do grande artista, centralizando suas atenções exclusivamente na obra de arte e na explicação dos estilos, gêneros ou escolas artísticas. Para o mesmo autor:

> Esse quadro um tanto restrito, repleto de obstáculos e com pequenos progressos, na realidade acabou revelando as dificuldades de diálogo dos estudos da música, erudita ou popular, com outras áreas do conhecimento, sobretudo com a historiografia em renovação desde o fim da década de 1970” (MORAES, 2002, pp.206-207)

Tal produção é a realizada por jornalistas, diletantes e amadores, que segue numa linha descritiva e baseado exclusivamente na biografia do autor. Do outro lado, Moraes (2000) ressalta uma bibliografia que acumulou trabalhos sérios e riquíssimos, como os de Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Oneyda Alvarega, etc. Os problemas destes últimos são a ausência de uma clareza metodológica, o modo amador e precário e a ausência de apoios institucionais.

Apesar do quadro renovador originário nos anos 1970 e 1980, ligado a história social e cultural da música popular, segundo o historiador ainda possui avanços restritos. Houve significativas nestas décadas citadas acima contribuições da sociologia, antropologia, semiótica, língua e literatura brasileira e pouco no campo da história. Isso se explica, segundo o autor, devido à dificuldade de circunscrever a disciplina *musicologia*. Há uma dificuldade de lidar com os códigos e a linguagem musical.

Julia Pinheiro Andrade (2010), através de uma pesquisa sobre a cidade de São Paulo a partir de canções de Tom Zé e Racionais MC’s, ressaltou a importância dos estudos sobre as

canções a partir de uma perspectiva estética: "Estudar seriamente a canção como forma artística capaz de operar uma experiência estética potente pode, assim, contribuir para redefinir o conceito e o projeto de cultura da educação" (p. 19)

Na aula sobre o texto base, da autoria de José Geraldo Vinci de Moraes (2000) procuramos destacar tal trecho:

> "(...) mesmo não sendo músico ou musicólogo com formação apropriada e especifica, o historiador pode compreender aspectos gerais da linguagem musical e criar os seus próprios critérios, balizas e limites na manipulação da documentação (como ocorrem, por exemplo, com a linguagem cinematográfica, iconográfica e até no tratamento da documentação mais comum)." (2000, p.210).

Fazendo este paralelo, os alunos durante a apresentação e discussão do texto, foram apresentados a um modelo que procurou observar os seguintes aspectos ligados à crítica externa e a crítica interna. Quanto à crítica externa indicamos os caminhos de percepção sobre o lugar social do autor (intérpretes e compositores), dados sobre a música (ano, disco, gravadora, produtor), o gênero musical a qual é incluído a música. Quanto à crítica interna destacamos a interpretação da letra (referências políticas, sociais e culturais, modelos, intencionalidades, valores) e os usos da sonoridade (instrumentos, entonações, etc.).

Feito isso, os alunos conseguiram vencer uma aparente incômodo inicial diante do desconhecido. Visto que alguns deles se mostraram incomodados com a tarefa de analisar tais canções, algumas delas desconhecidas. Porém, ao apresentar um conjunto de procedimentos pudemos avançar de maneira contínua e com poucos problemas. Ao entenderem a proposta e dominarem o modelo de interpretação, adaptado do artigo do historiador José Geraldo Vinci de Moraes (2000), conseguimos deixar claro nossos propósitos e a missão que cada grupo formado a partir da discussão do texto.

3 A PARAIBANIDADE: A IDEIA DE UMA IDENTIDADE PARAIBANA

A tradução melódica e de voz das canções deveriam ser pensadas a partir de uma proposta de identidade paraibana. Identidade é entendida aqui como pertencimento de um espaço, porém concebido algo não fixo ou essencial, no dizer de Stuart Hall (2006), sendo formatada continuamente, sendo algo provisório. Tal concepção de identidade nos permite pensar a ideia de construção contínua de identidades locais. Ou seja, a Paraíba teve algo longo de décadas e séculos camadas e camadas de significados, que foram sendo construídos por diversos sujeitos e linguagens. Uma delas é uma música, que graças ao seu alcance midiático procurou cristalizou um acervo de imagens e discursos sobre o estado da Paraíba.

A discussão de uma identidade paraibana vem sendo travada na historiografia paraibana desde os anos 1990. A inauguração foi iniciada pela historiadora Margarida Maria Santos Dias (1996), através da publicação da dissertação de mestrado em sociologia *Intrepida ab Origine: O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local 1905-1930*, apresentado em 1994, mas divulgado em livro em 1996. A autora, através da análise dos primeiros volumes da Revista do IHGP, percebeu certa lógica na formação do ser paraibano: "A base da historiografia sistematizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano teve como ideia central a existência de um tipo específico de ser humano que se define por ser paraibano, algo que chamaremos de paraibanidade" (DIAS, 1996, p.50)

A paraibanidade criada pelo IHGP segundo Margarida Dias (1996) traz alguns elementos característicos: a vocação para paz, a bravura e a resistência de um povo e a determinação para o republicanismo. Contraditórios ou não, o Instituto Histórico Geográfico Paraibano, criado em 1905 por um grupo de intelectuais (homens e elitizados), procuraram

criar uma identidade local, sempre evidenciando a concepção da bravura e a resistência de um povo em detrimento do seu tamanho geográfico.

Apesar das limitações teórico-metodológicas da obra, Margarida Dias (1996) inaugurou uma discussão que precisa a partir do seu texto desdobrar-se em outros significados. É desta forma que algumas reflexões foram necessárias para os alunos: como as cinco músicas representam à Paraíba e os paraibanos? Até que ponto os três elementos referenciados por Margarida Dias (1996) são apresentados na mesma canção? Que outros aspectos ou elementos podemos elencar neste sentido?

4 OS CÍRCULOS DE SEMINÁRIOS

Depois de um debate sobre história e música e uma breve reflexão sobre a ideia de identidade paraibana, vamos explicar as normas e a metodologia do que chamei de *Círculos de Seminários: A Paraíba em Canções*. Primeiramente dividimos a turma constituída por treze alunos em grupos de dois ou três membros a partir das cinco canções escolhidas por mim. Houve um sorteio com cerca de dois meses de antecedência da apresentação do seminário e três meses para o prazo final de entrega dos artigos.

Alguns critérios de avaliação foram colocados quanto à apresentação: 1) desempenho, desenvoltura, domínio do assunto e qualidade das análises; 2) o tempo de apresentação que foi estipulado entre 40 a 60 minutos para cada grupo; 3) a entrega de um roteiro da apresentação, juntamente com a letra da música para todos os presentes; e 4) Exibição ou sonorização da canção. Como as aulas eram duas vezes por semana (terças e quintas-feiras), com 90 minutos de duração, cada grupo era apresentado por vez, o que facilitou a discussão nos minutos finais de cada apresentação.

A ordem da apresentação foi a seguinte: 1) “Paraíba”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; 2) “Meu Sublime Torrão”, de Genival Macedo; 3) “Paraí-bá”, de Cecéu; 4) “Paraíba meu amor”, de Chico César e 5) “Paraíba Joia Rara”, de Ton Oliveira. Foi perceptível o esforço dos grupos para apresentar de maneira coerente e seguindo o modelo proposto por nós na exposição do projeto. Houve de maneira geral alguns imprevistos em algumas das apresentações, bem como identifiquei algumas limitações nas análises das canções, todavia, graças ao bom nível da turma, foi possível desenvolvermos um bom trabalho.

5 OS ARTIGOS ELABORADOS E O PROJETO DE LIVRO

Depois da apresentação das canções, cada grupo ficou com o compromisso de elaboração um artigo sobre a canção em questão. As normas para os artigos foram: um texto de 7 a 10 páginas, contendo Introdução, Desenvolvimento, Conclusão, Fonte e Referências. Os pressupostos teóricos deveriam versar sobre identidade paraibana, história e música, porém houve plena liberdade na apropriação de ideias de concepções teóricas diversas.

No primeiro artigo, intitulado *Paraíba: Um Olhar Além da Beleza da Canção*, da autoria das alunas Kelly Izabel da Silva e Lucileide Procópio de Arruda, temos uma análise bastante astuta da canção *Paraíba*, composição de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga e interpretado por este último. Gravada em 1950, a canção deixou uma marca no imaginário social paraibano, sendo uma produção discursiva que envolveu aspectos como gênero, sexualidade, moda, geografia e identidades. As autoras conseguiram através de um diálogo persistente com Durval Muniz de Albuquerque Jr, interpretar muito bem as intencionalidades da canção, que visa mostrar uma imagem do homem nordestino que vive a sofrer com a experiência da seca, sendo obrigado a migrar para o sul do país. A música “Paraíba”, que teria sido composta como um jingle político, por encomenda do paraibano José Pereira Lira, ex-chefe da Casa Civil da Presidência da Republica no governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-

1951), representou a Paraíba como um espaço ocupado pelo feminino, ao mesmo tempo do masculino (masculinidade), dialogando, portanto, com a ideia de resistência e bravura diante das situações adversas.

No segundo artigo, intitulado *Tecendo uma análise: história e representação da canção "Meu sublime torrão*, da autoria dos alunos Elvis Duarte Claudino, Ivanildo Paulino da Costa e José Eudes Ferreira da Silva, temos uma análise bastante centrada no contexto de lançamento da música *Meu Sublime Torrão*, de Genival Macedo, que foi composta no ano de 1937, período do início do Estado Novo, de Getúlio Vargas. Os três autores, através de uma interpretação bem construída, problematizaram a questão do ufanismo presente naquele momento, além de procurarem entender as motivações que levaram a canção a se tornar uma espécie de hino popular da Paraíba ao longo da segunda metade do século XX. Mais uma vez a Paraíba é comparada a uma mulher e a visão, ao contrário da canção de Luiz Gonzaga, não produz um sentido negativo ou pejorativo, ligado a problemas sociais ou ecológicos (seca). Pelo contrário, o olhar representado pelo compositor é de harmonia social, de belezas naturais, típicas das composições deste mesmo período no Brasil.

No terceiro artigo, intitulado *"No galope do baião de paraí-ba: reprsentações e identidade do sujeito(a) paraibano (a) na música popular",* da autoria de Jéssica Salvino Mendes e Gerson Paulino de Lima Júnior, identificamos uma análise bem elaborada, porém muito centrada em questões teóricas da historiografia atual. Todavia, isso em nenhum momento inviabilizou uma boa investigação sobre a canção *Paraí-ba,* da cantora e compositora paraibana Cecéu. Escrita em 1979 e gravada inicialmente por Messias Holanda em 1980, a canção ganhou uma projeção maior no ano de 2000, através da gravação nas vozes de Zé Ramalho e Flávio José. Mais uma vez o tema da seca é agenciado na representação da Paraíba, não fugindo do estereótipo tão bem trabalhado por Durval Muniz de Albuquerque Jr. O signo da resistência do paraibano persiste nesta e outras composições.

No quarto artigo, intitulado "O Sentimento do paraibano ausente do seu Aconchego", as alunas Tarcyana dos Santos Silva, Rosimere Oliveira Costa e Janekelly dos Santos Sousa, analisaram a canção *Paraíba meu Amor*, do cantor e compositor paraibano Chico César. Gravada em 1998, pelo mesmo autor, a canção é um exemplo de paixão pelo estado da Paraíba, porém com toques que remontam a ideia de migração e de modernidade perdida nos tempos atuais. As três autoras procuraram evidenciar a complexidade escondida na simplicidade da canção, seguindo a risca o modelo colocado como proposta pelo projeto.

No quinto e último artigo, intitulado: *""Paraíba Joia Rara": Discursos Sobre A Paraíba Na Música de Ton Oliveira",* da autoria de Juliana Karol de Oliveira Falcão, Mayare Rayane Batista de Medeiros e Edicley Amaral, encontramos uma produção musical mais recente. A canção Paraíba Joia Rara, do cantor e compositor Ton Oliveira, é outra canção que constituiu uma grande repercussão e certo status de hino informal da Paraíba. Composta e gravada em 2011, os três autores conseguiram elaborar um pertinente estudo interpretativo da canção, dialogando bem com os conceitos e os autores e evidenciando a imagem idealizada do compositor Ton Oliveira sobre a Paraíba através das belezas naturais, o turismo cultural e as referências artísticas. Uma canção que exalta o orgulho de Ton Oliveira sobre o seu estado natal. A inventividade talvez seja o traço identitário do paraibano produzido pelo compositor.

A partir da elaboração destes cinco artigos, a proposta é que ambos sejam revisados e organizados em forma de um livro-coletânea que se chamará "A Paraíba em Canções: História, Música e Identidade Paraibana", nome do projeto. Nossa intenção com isso é que tais artigos possam servir de base para estudos sobre o ensino de história da Paraíba, bem como de modelos para os estudos sobre história, música e identidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, compreendemos a diversidade de representações que as canções aqui trabalhadas pelos alunos da disciplina de História da Paraíba II elaboraram sobre o estado da Paraíba e os paraibanos, bem como percebemos as múltiplas possibilidades constituídas na relação entre história, música e identidade local. Esperamos, com a obra que em breve será publicada, com o título de "*A Paraíba em Canções: História, Música e Identidade Paraibana",* possam colaborar nos estudos sobre historiografia paraibana, no que se refere a perceber as múltiplas identidades que o paraibano foi construindo sobre si mesmo através de linguagens como a música.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes.* São Paulo: Cortez, 2015.

ANDRADE, Julia Pinheiro. *Cidade cantada: educação e experiência estética.* São Paulo: Unesp, 2010.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da Mineridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil.* 2 edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrepida ab origene: O Instituto Histórico e Geografico paraibano e a produção da história local.* João Pessoa: Almeida Gráfica e editora Ltda., 1996.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

MORAES, José Geraldo Vinci de Moraes. *História e Música: canção popular e conhecimento histórico. In:* Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 203-221. 2000.

SENRA, Iara Andrade. *O brasileiro: a formação da identidade nacional e a questão racial.* Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.